

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO  
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

**DINEVA MARIA KAYABI**

**SALTO SAGRADO DO POVO *KAYABI*: UMA HISTÓRIA DE  
RESISTÊNCIA**

**Barra do Bugres  
2016**

**DINEVA MARIA KAYABI**

**SALTO SAGRADO DO POVO *KAYABI*: UMA HISTÓRIA DE  
RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade do Estado de Mato Grosso-  
UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est.  
Renê Barbour, como requisito parcial para  
obtenção do título de Graduada em Licenciatura  
em Pedagogia Intercultural.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Waldinéia Antunes de  
Alcântara Ferreira

**Barra do Bugres  
2016**

## FCHA CATALOGRÁFICA

### CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

K23s KAYABI, Dineva Maria.

Salto Sagrado do Povo *Kayabi*: uma história de resistência / Dineva Maria Kayabi. – Barra do Bugres, 2016.

33 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.  
Orientadora: Profa. Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira.

1. Salto Sagrado *Kayabi*. 2. *Kawayweté*. 3. TI *Apiká-Kayabi*. 4. Resistência. I. Ferreira, W. A. de A., Dra. II. Título. III. Título: uma história de resistência.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

**DINEVA MARIA KAYABI**

**SALTO SAGRADO DO POVO KAYABI: UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 10 de novembro de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira  
Professora orientadora

---

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino  
Professor Avaliador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena Rodrigues Paes  
Professora Avaliadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena Rodrigues Paes  
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres  
2016**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao povo *Kayabi* porque é sobre a nossa história.

Em especial, dedico a Katu Kayabi, Catarina Lurdes Kayabi, minha mãe Maria Brites, meu avô e Pajé da Aldeia, Simão Kuapam, carinhosamente chamado de Tamui e Kanizio Kayabi, que dividiram comigo o seu tempo para ensinar sobre o Salto Sagrados do nosso povo.

Dedico também para Raimundo Jewy Kwasiari, que ajudou-me a traduzir a língua quando eu não entendia, porque algumas partes elas falavam na língua materna. Com a ajuda delas e dele, cada vez mais a história estará nos fortalecendo na luta pela nossa Terra e pelo nosso Salto.

## AGRADECIMENTOS

Durante o processo de realização desta pesquisa, refleti sobre a importância de registrar sobre o Salto Sagrado do povo *Kawayweté* que existe na Terra Indígena *Apiaká/Kayabi*. O Salto fica no rio dos Peixes e é muito importante para nós, ele é a força dos pajés. Realizar este trabalho foi de fundamental importância para o nosso povo e muitas pessoas contribuíram para que fosse concretizado.

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus pela força e coragem durante toda esta longa caminhada. À minha mãe, Maria Brites, às minhas irmãs Dazia Maria Mani, Dilma Maria Mani, Mônica Maria Mani, e ao meu irmão Waldinei Mani, que apesar de não se encontrar mais entre nós, está sempre presente em minhas lembranças.

Agradeço, em especial, aos meus filhos e minhas filhas e também aos meus sobrinhos. Assim, agradeço a Lucas Mani Kayabi, Gisele Mairaiup Mani Kaybi, Thaís Mairaiup Mani Kaybi, Diego Mairaiup Mani Kaybi. Diogo Mairaiup Mani Kaybi, Jhonatan Mairaiup Mani Kaybi, Natália Mairaiup Mani Kaybi e Yure Mairaiup Mani Kayabi, que nasceu e logo partiu. Enfim, agradeço à toda a minha família que sempre me dá forças; que nas horas difíceis, sempre me apoia para prosseguir o caminho.

Venho, também, agradecer a todas as pessoas da comunidade e meus sinceros agradecimentos ao Cacique Matias Francisco Jurukatu e às demais lideranças, aos professores e aos anciões, que tiveram paciência de explicar as histórias do povo. Agradeço também à coordenadora pedagógica da escola, a professora e amiga Cezarina Krey Leite Tukumã.

Agradeço a todos os que fazem parte da minha vida, inclusive meus colegas de curso, pois criamos um laço de amizade. Agradeço aos meus professores, que durante cinco anos estivemos juntos e construímos um vínculo de amizade verdadeira.

Agradeço à coordenadora, Maria Helena Paes, e a minha orientadora, Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira. A Wellington Quintino, Neodir Paulo Travessini, Dulcilene Rodrigues e também ao diretor, Adailton Alves da Silva. Espero que este laço de amizade dure por muitos anos e que continuem ajudando-me onde eu estiver. Em nome deles e delas, agradeço a todos os demais professores e aos funcionários da UNEMAT, pela contribuição para a minha formação.

Agradeço a FUNAI – CRE Juína – CTL Coordenação de Técnicas Locais da Fundação Nacional do Índio de Juara -MT, e ao coordenador, Senhor Nicolau Neto Morimã.

Termino agradecendo a todos, em especial, ao povo *Kayabi/Kawayweté*.

Meu muito obrigada! Contem comigo. Estarei sempre à disposição.

## RESUMO

O presente trabalho é sobre o Salto Sagrado do povo *Kawayweté*, a importância dele para nossa cultura e as ameaças que o envolve. Nós, povo *Kawayweté*, antes morávamos no Batelão, a terra de nossos ancestrais, que fica no município de Tabaporã. Hoje estamos às margens do Rio dos Peixes, região de Juara, porque tivemos que sair da nossa área original e muitas famílias, também, foram levadas para o Parque Indígena do Xingu. Este trabalho também conta a história do nosso povo, pois aconteceram muitos conflitos entre os seringueiros, viajantes e funcionários do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), assim nossa área foi sendo ocupada e muitos foram levados para trabalhar nos seringais, e esses foram conflitos que estiveram na história do povo. Hoje, um conflito que nos assusta são as construções de usinas hidrelétricas em áreas indígenas, do povo *Kawayweté* e de outros povos, elas estão sendo feitas ou em terras indígenas ou muito próxima delas. Esses conhecimentos sobre o Salto Sagrado e a resistência em não deixar construir usina no Salto são valiosos e precisam ser registrados, fazem parte da memória e da luta do meu povo. As gerações passadas, a presente e as futuras gerações devem saber e ajudar esse movimento de proteger o Salto Sagrado *Kayabi*. O resultado da investigação foi construído com pesquisa bibliográfica e com a técnica da entrevista com os anciãos da aldeia Tatuí, principalmente, com a dona Catarina e Katu, também o Raimundo Jewy Kwasiari. Há muito tempo o Salto Sagrado do nosso povo tem sido alvo de interesse de empresas e do governo com a finalidade de construir usina hidrelétrica nele. Mas, o povo *Kawayweté* sempre se mobilizou para a defesa do Salto porque o mesmo é de muita importância para o nosso povo. O Salto Sagrado *Kayabi* é nosso lugar de resistência, de força dos Pajés, mas tem sido alvo de ameaças dos governantes. É no Salto Sagrado que o grande Pajé fica.

**Palavras chave:** Salto Sagrado *Kayabi*. *Kawayweté*. TI *Apiká-Kayabi*. Resistência.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Dança do <i>Jawotsi</i> .....	14
Figura 2 - Jenipapo.....	18
Figura 3 - Fruta do urucum.....	19
Figura 4 - Salto Sagrado.....	23
Figura 5 - Edição do Jornal Porantim .....	24
Figura 6 - Cartaz jornal Porantim .....	26

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO I - HISTÓRICO SOBRE O POVO KAWAYWETÉ</b> .....	10
1.1 Sobre o Mito de Origem.....	11
1.2 Principais práticas culturais.....	13
1.3 Caracterização da Aldeia Tatuí .....	20
<b>CAPITULO II - O SALTO SAGRADO DO POVO KAYABI</b> .....	23
2.1 O grande Pajé .....	24
2.2 <i>Ita Mait</i> (Pedra Pajé).....	27
2.3 Ameaças atuais no Salto Sagrado.....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	30
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	32
<b>CONSULTORES NATIVOS</b> .....	32

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é sobre o Salto Sagrado do povo *Kayabi*<sup>1</sup> e tem o objetivo de registrar a história do povo *Kawayweté* e depois trabalhar com a comunidade e a escola.

Com esta pesquisa, escrevo sobre o Salto Sagrado *Kayabi* do meu povo *Kawayweté*. Esses conhecimentos sobre o Salto são valiosos e precisam ser registrados, uma vez que fazem parte da memória e da luta do meu povo. As gerações passadas, a presente e as futuras gerações devem saber e ajudar nesse movimento. O trabalho é um instrumento para o fortalecimento cultural, pois nestes lugares está a memória dos nossos antepassados. Manter a memória viva em nosso meio dará forças para lutar contra a construção da usina hidrelétrica em um dos lugares sagrados que é o salto.

O trabalho de pesquisa foi realizado diretamente com os anciãos da aldeia Tatuí, principalmente, com a dona Catarina, com a Katu Kayabi e com o Raimundo Jewy Kwasiari. Também entrevistei outras pessoas da aldeia, mas, estes foram os que mais tiveram informação e proximidade no trabalho. Vi a importância de tê-los como fontes de pesquisa, pois todos têm uma enorme bagagem de conhecimentos da nossa história. Pesquisei ainda, em livros e no PPP – Projeto Político Pedagógico – da escola e em sites disponíveis na internet.

Minha monografia está organizada em capítulos. O primeiro é sobre o Histórico do povo *Kawayweté*, nossas práticas culturais principais e sobre a aldeia Tatuí, o lugar onde moro. O segundo capítulo é sobre o Salto Sagrado *Kayabi*, destacando o grande Pajé, *Ita Mait e as ameaças atuais no Salto Sagrado*.

É preciso continuar protegendo o Salto *Kayabi* e a escola pode ser um instrumento de fortalecimento da luta junto com a comunidade.

---

<sup>1</sup> O Salto Sagrado vai ser tratado neste trabalho como Salto Sagrado *Kayabi* porque é assim que ele é conhecido. O nome *Kayabi* vai permanecer quando me referir ao Salto, mas quando for fazer referência ao povo utilizarei a nossa autodenominação que é *Kawayweté*.

## CAPÍTULO I - HISTÓRICO SOBRE O POVO KAWAYWETÉ

Somos conhecidos pelos não indígenas como povo *Kayabi*, mas, a nossa autodenominação é povo *Kawayweté*. A autodenominação *Kawayweté* é porque somos um povo guerreiro, resistentes e expulsamos todos que querem nos fazer mal. Fazemos como a abelha braba damos um jeito de atacar, mas isso apenas acontece em resposta a alguma agressão.

O meu povo, que hoje está às margens do rio dos Peixes, antes habitava o Batelão, que é a nossa terra de origem. Mesmo morando no Batelão, os anciãos Kanisio e Simão Kuapan (Tamui) relatam que a região que hoje estamos era onde eles vinham buscar material para fazer flecha e tirar seringa. O nosso povo andava por muitos lugares como na região do rio Teles Pires e outros. Contam que era uma mata fechada com muitas árvores e as principais eram as seringueiras e as castanheiras.

De acordo com Grunberg (2004, p.75), a região do Rio Teles Pires e do Rio dos peixes, que é habitada pelos *Kayabi*, encaixa-se nitidamente na zona de florestas tropicais úmidas. As espécies características da mata são a seringueira (*Hevea sp*) e a castanheira (*Bertholletia excelsa*), árvores altas com poucas epífitas que crescem em solos arenosos perto dos cursos d'água.

Até hoje existem castanheiras e seringueiras nas terras indígenas, mas não é extraída a borracha, como era antigamente. O povo *Kawayweté*, nomeado pelos não indígenas de *Kayabi*, morava no Batelão que fica no município de Tabaporã-MT. De acordo com o site do Instituto Socioambiental<sup>2</sup>, no final do século XIX aconteceram muitos conflitos entre os seringueiros, viajantes e funcionários do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Na primeira metade do século XX a área *Kawayweté* foi sendo ocupada e os índios foram levados para trabalhar nos seringais. Ainda no século XX o povo *Kawayweté* resistiu à ocupação de suas terras pelas empresas seringalistas que avançavam pelo rio Arinos, rio Paranatinga (Alto Teles Pires) e rio Verde. Depois da extração da seringa, outra atividade foi a retirada de madeira da mata e a implantação de fazendas. Em 1949 chega à região do Teles Pires a Expedição Roncador-Xingu, comandada pelos irmãos Villas-Boas. Essa expedição encontrou o povo *Kayabi* em conflito com os seringueiros e também sem apoio na luta pelas terras. O único apoio que recebiam era do missionário católico João Dornstauder.

Os mais velhos contam que o Padre João ajudava os indígenas. Relatam que ele ajudou a

---

<sup>2</sup> [www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org)

assegurar a terra onde está a nossa Aldeia Tatuí. Naquela época, tinha conflito com seringueiros e com o povo *Rikbaktsa*. Dona Catarina conta que a abertura da aldeia foi apoiada pelo Padre João. Disse que foi ele quem marcou esse lugar. O Padre João perguntou, naquele tempo, para Francisco Jurukatu - o primeiro Cacique da Tatuí - se queriam ir para esse lugar mesmo. Francisco Jurukatu era viúvo e só estava com Ataíde, o filho dele. Então conversou com o filho e as outras pessoas do Batelão. Depois de decidir para onde iriam, saíram lá do Rio Batelão para a Aldeia Tatuí. O padre já andava nessa região que era área de seringal e área de pegar flecha, lugar onde está o Salto Sagrado.

Nós, povo *Kawayweté*, somos um povo guerreiro e corajoso e hoje vivemos em três regiões: Rio dos Peixes em Mato Grosso, no Parque Nacional do Xingu em Mato Grosso, e no Estado do Pará. Os velhos contam que quem levou os *Kayabi* para o Xingu foram os irmãos Villas Boas. O ancião Kanizio morou um tempo no Xingu. Relata em entrevista que foi levado na marra, pois não queria ir. Mas também explica que os irmãos Villas Boas estavam levando os índios para o Xingu, por medo de os seringueiros matarem todos os *Kayabi*. Apenas cinco famílias não foram para o Parque do Xingu e essa ação aconteceu no ano de 1966. No site da Instituto Socioambiental está escrito que eles foram de avião e essa ação ficou conhecida como "Operação *Kayabi*".

## 1.1 Sobre o Mito de Origem

O povo *Kawayweté* não sabe muito sobre o seu mito de origem. Como existem várias histórias, até hoje ninguém chegou a uma conclusão. Em uma delas, falam que veio de uma árvore, em outra, de animais, e na outra, que veio da pedra.

O mito de origem dizendo que os *Kawayweté* vieram dos animais, foi contado por Eroi Kayabi e Raimundo Kwasiari. Segundo eles, começou a aparecer vários animais, o maior foi o cateto, e do cateto foi multiplicando o povo *Kawayweté*.

O outro mito é sobre a pedra. Esse mito é explicado por Raimundo e por Katu Kayabi, ambos anciãos fortes da comunidade. Segundo o mesmo, tinha um pajé que começou a rachar as pedras e, de dentro delas, foi saindo povo *Kawayweté*.

O mito da árvore conta que um homem estava andando no mato e lá havia uma árvore bem alta. Nela, havia um buraco bem no meio. Esse homem, com o nome de *Tuyararé* (Deus do povo *Kawayweté*), chamava nome de pessoas de dentro da árvore e do buraco ia surgindo o povo *Kawayweté*.

O povo *Kawayweté* de Juara vive na Terra Indígena *Apiaká-Kayabi*, existem nesse território, sete aldeias, são elas: *Ytu* Cachoeira, *Kawaip*, Flor da Terra, Vale Verde, Novo Horizonte, Aldeia Alta e Tatuí. A aldeia central que é a Tatuí está localizada a 60 km da cidade de Juara. Ela é a maior delas e é chamada de aldeia central. Nessa aldeia moram 396 pessoas, conforme o documento do Posto de Saúde e Secretaria de Saúde Indígena – SESAI.

O povo *Kawayweté* fala a língua *Kawayweté* e é do tronco linguístico Tupi Guarani e fala também a língua portuguesa. Atualmente, os jovens vêm se interessando mais pela língua materna, porém, os falantes e guardiões da nossa língua tem sido os anciãos. Muitos de nós somos ouvintes e entendemos, mas, pouco fazemos a conversa na língua. Entendo que o contato, a proximidade com a cidade e mesmo a televisão que apenas fala em português tem reforçado a língua portuguesa na aldeia.

Nossa organização familiar é de família extensa e ainda hoje temos essa organização e ainda são vários os homens que vão para a casa dos pais da esposa.

A família dos Kayabi consiste geralmente de uma extensa família uxori-local com patripotestas. As filhas ficam morando com seus pais e os homens se transferem para junto de suas esposas, onde são incumbidos de tarefas econômicas pelo pai da esposa. Este domina por toda a vida, interesse do convívio social (GRUNBERG, 2004, p. 165).

Antigamente, quando os *Kawayweté* moravam em malocas<sup>3</sup>, só se encontravam em época de guerra ou para realizar a festa do *Yawotsi*. “Os *Kaiabi* veem a sociedade ideal dirigida por um chefe velho e guerreiro que só pode exercer com toda plenitude sua função puramente política e coordenadora, quando muitos Xamãs bons garantem a todos os membros do grupo a assistência transcendental” (GRUNBERG, 2004, 176). Hoje o Cacique da aldeia é escolhido pelo povo e pode ser jovem. Primeiro ele deve ter uma postura de liderança, de querer bem ao seu povo e de enfrentar as lutas necessárias para a melhoria da aldeia. O atual Cacique da Aldeia Tatuí é Mathias Francisco Jurukatu.

O modo de sobrevivência do povo dá-se de várias formas como a caça, a pesca, o artesanato e outras profissões. As profissões são da área de Saúde e da Educação. Os indígenas aposentados recebem aposentadoria e as crianças recebem auxílio do Programa do Governo Federal Bolsa Família. Existem pessoas na aldeia que vendem banana, farinha, castanha e amendoim, produtos feitos na aldeia e plantados na roça. A maioria das famílias tiram o sustento das roças, com o plantio de produtos da roça; da mata, com a extração de frutos silvestres como

---

<sup>3</sup> Malocas são tipo de casas tradicionais comunitárias onde moravam famílias extensas

açaí, castanha, cacau, patoá, etc, e do rio, com a pesca de várias espécies de peixes.

A comunidade tem uma roça comunitária que é comandada pelo Cacique, e os alimentos são distribuídos entre todas as famílias. Nessa roça planta-se milho, mandioca, amendoim, banana, cana, arroz, cará, margarito e feijão fava.

Os Kaiabi são um grupo com uma forte tradição agrícola, que se manteve apesar da transferência de território. Sua horticultura é muito diversificada, compreendendo dezenas de variedades de plantas cultivadas e um sistema agrícola bastante elaborado. Como em outros grupos indígenas, o calendário agrícola compreende os períodos de roçado e derrubada (maio e junho), queima (agosto) e plantio (setembro e outubro). Os períodos de colheita variam dependendo da cultura. Há dois tipos básicos de roças kaiabi: as roças polivarietais de mandioca e as roças de policultivo. Nas primeiras, plantam-se quase que exclusivamente as diversas variedades de mandioca utilizadas para a produção de farinha, beijus e mingaus. Nas roças de policultivo plantam-se diversas espécies, que exigem melhores solos (áreas de terra preta): milho, algodão, amendoim, batata, cará, banana, fava, cana, abóbora, melancia (<http://pib.socioambiental.org>).

## 1.2 Principais práticas culturais

As principais práticas culturais desenvolvidas são a Dança *Kawayweté* e a Dança do Pajé. Estas são as mais realizadas nas aldeias, na Semana do Índio, e também quando recebemos visita em nossas aldeias. Na escola que tem o dia específico para os alunos apresentarem: é nas aulas de Práticas Culturais. A escola ajudou a fortalecer as práticas culturais dentro da aldeia, mas não são apenas os alunos que participam, e sim toda a comunidade.

Uma prática cultural bastante forte é a Dança do Pajé. A dança acontece quando tem uma pessoa da comunidade doente e o médico não descobre a causa da doença. A família tem que preparar os alimentos para o Pajé realizar o trabalho com o paciente e, se for grave, é preciso ter bastante comida, pois o ritual de pajelança dura três dias de trabalho. Todos devem obedecer ao que o Pajé fala e todos da comunidade participam junto com a família.

Todos juntos com as lideranças vão em busca de alimentos para não faltar durante o ritual. A mãe da pessoa doente convida as mulheres para prepararem o *akanapé*, um alimento feito de massa seca de mandioca e amendoim que, depois de amassada, é enrolada em uma folha de bananeira e assada antes de ser servida. Também é feita a *chicha* para ser tomada durante o trabalho.

A pajelança é um ritual comunitário e outras famílias podem trazer alimentos para serem compartilhados. A comunidade prepara comida tradicional para o Pajé, sempre com pimenta, menos a *chicha* e o *akanapé*.

A Dança do Pajé segue os seguintes passos: primeiro o Pajé reúne todos na Casa de Palha e explica o que vai fazer com o paciente. Depois começa a benzê-lo. Após a benzeção, o Pajé se retira para dormir e sonhar com o paciente para decidir o que vai fazer. O ritual de cura começa com o canto. No ano de 2015 a Dança do Pajé foi realizada duas vezes na Aldeia Tatuí e envolveu todos os seus membros. O primeiro dia foi até as dez horas da noite, o segundo até meia noite, e o terceiro, amanheceram o dia cantando, benzendo e dançando com todos.

Outra dança do antigamente que era muito praticada era o *Jowotsi* (Fig. 1), mas atualmente quase não se dança. Agora no ano de 2016 as anciãs já dançaram. As lideranças Simão Kwapan e Kainizio Kayabi puxaram o canto e as mulheres responderam. Elas dançaram abraçadas umas nas outras. O canto é triste porque conta a história do passado referente à luta do povo. Enquanto a mulheres cantavam e dançavam, estavam lembrando das outras pessoas da família que já cantaram e que moraram na terra de origem.

*Tekau je  
pinueem Eee  
ook  
Yoiikojawypee areoi janu ga  
aramu Eeeook joi 'i kojawiree  
are janu  
Gã eramu eegã eramu gã eramu eee  
ook Ekuay joi 'ia okojawoo janu gã  
eramu Eegã eramugã eramu eee ook  
Joi 'i kojawyree areoi 'i janu ga eramu  
ee Gã eram uga eramu eee ook  
Ae noko jeem  
Ae nokojee eee  
ookook Ae  
nukojeem.*

*(canto dos homens)*

Outra dança que faz parte da cultura do povo é o *Kawayweté*, essa dança é feita na aldeia e também em apresentações fora da aldeia. Estamos fortalecendo essa dança com as nossas mulheres e homens, jovens e crianças da aldeia para não ser esquecida.

O *Kawayweté* é dançado de forma bastante alegre e todos cantam enquanto dançam.

**Figura 1 - Dança do *Jawotsi***



**Fonte:** Projeto Novos Talentos, 2015

Um dos cantos fala do *Tuyararé* que era um Pajé bem forte do nosso povo.

*Tuyararé'ga u'a rakué  
Nanike peje roky jauu  
rakué Kawawete ramu  
jawu rakué Hum,hum*

*Tuyararé'ga u'a rakué  
Nanike peje roky jauu  
rakué Kawawete ramu  
jawu rakué Hum,hum*

A dança do *Tuyararé* é dançada de roda, mas também pode ser dançada de fileira, assim como a do canto do *Kunumi*.

*Koramo noku are rekoi  
jepi Kunumi ramo y'afu re*

*Sojo tyka jane kawaiwete  
Jare já tykau maraka re*

*Koramo noku are rekoï  
jepi Kunumi ramo y'afu re*

*Sojo tyka jane  
kawaiwete Jare já  
tykau maraka re*

Essas danças fazem parte da educação tradicional da cultura do povo *Kawayweté*. Existem algumas atividades na nossa cultura que são realizadas separadamente, umas por homens e outras por mulheres. As crianças aprendem, desde cedo, as atividades de meninos e meninas. Os meninos acompanham o pai para realizar as atividades que eles têm de aprender como fazer flechas, pescar, colher o timbó para fazer a pescaria na lagoa, plantar roças e outras atividades que os homens realizam. Os homens também produzem peneira, abanador, cocar e borduna. Na atualidade, tem poucos homens que fazem esses artefatos, sendo que alguns que faziam já faleceram. No entanto, temos procurado fortalecer essa prática dentro do povo *Kawayweté* de Juara, juntamente com a comunidade escolar, pois, a escola tem sido um instrumento político identitário nos trabalhos de revitalização da cultura com a participação em projetos de cultura e com a proposição de um currículo contextualizado na realidade indígena e na interculturalidade.

As meninas aprendem a desenvolver o dever de casa ajudando a mãe no trato de animais e a preparar os alimentos tradicionais como: preparar a chicha, a mojica, a paçoca e outros; também aprendem a fazer os artesanatos como: pulseiras, colares, cintas, zamatas, brincos e outros.

Segundo o Projeto Político Pedagógico - PPP (2008), a flecha para os meninos era feita de inajá e não podia ser do tamanho da flecha do pai. Tinha que ser pequena. Só podia fazer a flecha grande quando o menino crescesse. Ainda tem pais que fazem as flechas para seus filhos com o talo de inajá, geralmente na época do timbó. É nesse período que as crianças aprendem a flechar os peixes na lagoa. Mas, a flecha para os meninos pequenos ainda é feita de inajá.

Os meninos também aprendem a bater o timbó. Enquanto os meninos, juntos com os adultos, batem o timbó, esse cipó vai sendo lavado na água e vai soltando um líquido branquinho, e a água vai ficando escura. Com isso, os peixes vão morrendo e os meninos vão aprendendo flechar. Esse ensinamento que está descrito no PPP da escola é o relato é do Senhor Nicolau Kagerun.

No passado, as casas eram todas de palhas, a cobertura era feita de tabuinha e, em volta delas, as paredes eram fechadas com madeira retirada do pé de açai. Para fazer a parede, o

tronco partido ao meio. No decorrer do tempo, as casas foram sendo mudadas, com coberturas de “*Eternit*” (telha de amianto) e, em volta, as paredes passaram a ser feitas com tábuas compradas na serraria. Ainda hoje, tem três casas tradicionais construídas pela comunidade, onde são realizadas as reuniões. Uma delas, foi construída através do Projeto Novos Talentos. Esse trabalho de ter a casa tradicional fortalece a nossa comunidade e a escola, com o desenvolvimento de práticas culturais. No decorrer da construção da casa, os alunos e as demais pessoas da comunidade, também ajudaram. “O processo da construção da casa é muito demorado, é preciso panejar quanto tempo leva para conseguir tirar todo material do mato. Depois deve deixar tudo no jeito, no lugar onde vai começar a trabalhar. Fazer uma planta do tamanho certo, quantos esteios, caibros e ripas que tem que tirar, quantos pés de inajá têm que retirar para cobertura” (KWASIARI e KAYAB p. 55).

Outra prática cultural do povo *Kawayweté* é sobre os marcadores de tempo. Os marcadores do tempo têm como referência alguns animais como insetos, mamíferos e aves que trazem a informação de que o tempo vai mudar: tempo da chuva, da seca, tempo de plantar, de colher, etc.

Antigamente os Kaiabi só usavam marcadores tradicionais, como por exemplo: pássaros, flores, lua, peixes, plantas, libélula e sapo. A cigarra marca o tempo da chuva, a borboleta marca a época de verão, a libélula marca o tempo da primeira chuva. Quando o mutum canta, época de verão, quando o sapo canta, vai fazer muito frio naquela região. A água marca que o tracajá vai botar. A lua marca a primeira menstruação da menina que não pode sair de casa. O vento marca o tempo de namorar, as frutas marcam a época de plantio. As plantas marcam o tempo da seca, época da roçada. Então são esses os marcadores de tempo para o povo Kaiabi, que são utilizados ainda no Parque Indígena do Xingu. (KAIABI, 2009, p.40)

Alguns desses marcadores são também utilizados pelos *Kawayweté* do município de Juara. Sabemos a importância deles serem repassados, de geração para geração, para não serem esquecidos.

Nós usamos muita coisa que vem da natureza, da mata, para fazer a pintura. A tinta é retirada da fruta do Jenipapo (Fig.02). Os homens buscam a fruta para as mulheres ralar, retirar o sumo e fazer a tinta. Os anciãos orientam que existem horários de pintar com essa tinta, que é no período da manhã, porque se for em outro horário, pode fazer mal. Nós *Kawayweté* não fazemos a pintura em outros horários. A tinta de jenipapo é feita quando a fruta ainda está verde; ela é ralada e espremida com um pano para retirar o sumo, depois colocada numa vasilha para ser usada. Tem várias pinturas, com vários significados.

**Figura 2 - Jenipapo**

**Fonte:** Kayabi, 2015

Tem também a prática cultural da pintura corporal, que é feita para as danças das festas na comunidade, apresentações aos visitantes, apresentações na cidade de Juara e outros municípios. Os velhos nos ensinam o significado da pintura e isso que é valorizado para nós, é o nosso valor. A tinta do urucum é feita da fruta (Fig. 03), quando verde ou madura. Verde é mais fácil de fazer, já madura, tem que ficar de molho. Para soltar a tinta, precisa passar as sementes na peneira, depois colocar o leite de solva para misturar a tinta e cozinhar até ficar no ponto. Ao retirar do fogo, coloca-se uma cuia de óleo de tucum para endurecer.

O óleo de tucum é extraído do coco bem maduro, socado no pilão, para tirar as cascas e deixar só as sementes. Depois de socado, é colocado para cozinhar até o óleo subir na superfície da água fervendo. O óleo sobe e é retirado aos poucos, é passado para outra panela e colocado novamente no fogo para evaporar toda a água e ficar apenas o óleo. (A semente também serve para fazer o colar).

**Figura 3 - Fruta do urucum**

Fonte: Kayabi, 2015

Outra prática cultural importante na comunidade é a Festa da Menina-moça. Nessa festa, a menina fica recolhida sem ninguém ver, só a mãe que a vê e ela não pode comer qualquer coisa. Ela, antes, ficava uns três meses, hoje fica pouco tempo quando fica reclusa. Já mudou muito. Era quando a menina tinha a sua primeira menstruação. Nesse período, aprende a fazer colares, pulseiras, zamatas, tudo que é de mulher mesmo, até chegar o mês, o dia dela sair. Ela saia quando já sabia fazer os artesanatos do povo que a mulher deve saber fazer.

A família se organiza para fazer a festa e todos que fazem parte da família distribuem trabalhos como caçar e pescar para ter alimentos no período da festa. É a família que decide quando a menina vai ficar recolhida e quando vai sair. Quando a menina é brava, ela fica mais tempo. Ela vai presa no dia que menstrua. Quando sai, é arranhada com arranhadeira feita de dente de peixe-cachorro para tirar o sangue ruim dela, depois é passado urucum para secar os arranhões do seu corpo. A tinta de urucum protege a pele da menina. É a mãe da menina que a arranha, mas também pode ser outra pessoa da família.

Antigamente era obrigatório todas as famílias fazerem isso, mas hoje são poucas que fazem e depende da decisão da mãe da menina. A comunidade tem feito várias conversas com

o objetivo de fortalecer essa nossa prática cultural.

Outra prática cultural do povo e que hoje não praticamos mais, é o *tujuk*. O *tujuk* é um barro muito importante para o povo *Kawayweté*. O *tujuk* é encontrado na região de Tabaporã, na área indígena Batelão. Antigamente era prática do povo *Kawayweté* utilizar a cerâmica para fazer muitas panelas, tachos de torrar farinha fina ou mesmo farinha de peixe. As panelas tradicionais eram feitas dentro da própria comunidade do povo *Kawayweté*.

Hoje não estamos fazendo porque o material é encontrado muito longe da nossa terra indígena onde fica a Aldeia Tatuí. Mas temos interesse de ensinar os nossos filhos na prática, fazendo as próprias panelas e mostrando como é importante a nossa cultura dentro da comunidade do povo *Kawayweté*. Maria Brites disse: Para fazer as panelas antes, usávamos o barro e era para ser feito de dia; para queimar, era só de noite, em silêncio, pois o barulho espocava a panela.

Na área indígena do Batelão é que tem esse barro, mas como hoje estamos na Aldeia Tatuí, não estamos fazendo as panelas por falta do barro. Lá tem cemitério e pista de avião. Para nós, o lugar é sagrado porque tem o nosso cemitério.

Hoje, o povo *Kawayweté* luta para reconquistar a terra da nossa origem, onde estão enterrados os nossos avós, por isso nunca vamos deixar da terra sagrada. Lutamos para vencer e buscar a cerâmica.

### 1.3 Caracterização da Aldeia Tatuí

A Aldeia Tatuí é grande e tem um Posto de Saúde com 01 Enfermeira, 02 Técnicas de Enfermagem, 02 Agentes de Saúde, 01 AISAN (Agente Indígena de Saneamento Básico), 01 Motorista e 01 Médico (cubano) do Programa Mais Médico. Este fica 15 dias do mês na aldeia e folga os outros quinze. Na folga do médico, o atendimento é feito na CASAI. Tem uma escola, que é a Escola Estadual Indígena de Educação Básica *Juporijup*. Dos professores e professoras que nela trabalham, nenhum ainda concluiu o Nível Superior, mas dois deles estão cursando a Faculdade Indígena, no Curso de Pedagogia Intercultural.

Os níveis de escolaridade oferecidos na Escola *Juporijup* são: Ensino Fundamental e Ensino Médio regulares, também a modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Os professores do povo *Kayabi* têm buscado estudar para melhorar o ensino.

A Escola Estadual Indígena de Educação Básica *Juporijup* (Fig. 08), é composta por dezesseis professores que atendem: a) período matutino as turmas do 1º, 2º e 3º Anos (1º ciclo);

9º Ano (3º ciclo) e uma Sala de Recursos Multifuncional; b) período vespertino, 4º e 5º Anos (2º ciclo) e 6º Ano (3º ciclo); c) noturno, 1º e 3º Anos do Ensino Médio regular e 2º Ano do Ensino Médio EJA.

Na Aldeia Figueirinha funcionam salas de extensão multi: 1º, 2º e 3º ciclos (6º ao 9º Ano); também na Aldeia *Kawaip* há outra extensão multi: 1º, 2º e 3º ciclos (6º ao 9º Ano).

A escola *Juporijup* realiza um importante trabalho e tem se destacado nas aulas de Saberes Indígenas com a preparação dos trajes dos alunos, feitos por eles mesmos, para participar das festas na aldeia e fazer apresentações quando são convidados a participar de eventos em outros lugares. Realizar esse trabalho na referida escola desenvolveu o incentivo de ter o próprio material com a poios dos anciães, lideranças, cacique, professores e professoras. Foi a melhor forma de fazer entender a importância que tem a cultura. Por isso, o seu Projeto Político Pedagógico assegura a necessidade de trabalhar com a cultura do povo e de buscar maneiras de ensinar a língua materna. Nesse sentido, a educação escolar tem fortalecido a prática cultural do nosso povo.

A Constituição Federal, no Art. 78 referente à “Oferta da educação bilíngue e intercultural aos povos indígenas”, apresenta os seguintes objetivos:

I- Proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de sua identidade étnica, a valorização de suas línguas e ciências.

II- Garantir aos índios, suas Comunidades e povos, acesso às informações, conhecimentos técnicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-indígenas.

Também o Art. 79 assegura a necessidade de “Fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena.”.

Com base na referida legislação, a Escola *Juporijup* desenvolve um currículo que visa fortalecer o seu povo. Os professores realizam formação continuada na própria escola e frequentam o Ensino Superior para fortalecer suas práticas. Os professores da aldeia têm muitas responsabilidades que não são apenas da escola, mas também do movimento indígena.

Ser professor/a em uma comunidade indígena é ser um indicado, um escolhido, alguém que tem voz dentro e fora da comunidade, é ser liderança étnico-social. A escola elege pessoas com conhecimento da própria cultura, pessoas que participam da comunidade em diferentes atividades, pessoas capazes de fazer interlocuções com outros espaços (FERREIRA e ZITKOSKI, 2013, p. 174).

Uma das coisas que a escola mais contribuiu para desenvolver na aldeia foi a roça comunitária, embora ainda tenha a roça das famílias. A água fornecida para a escola vem de um

poço semi artesiano construído pela SEDUC – Secretaria do Estado de Educação, pois a água consumida na comunidade vem do Rio dos Peixes, onde uma bomba joga para a caixa e é distribuída por encanamento.

Em toda a comunidade tem luz elétrica, instalada desde o ano de 2009. Atualmente, tem internet, mas o funcionamento não é muito bom. Nos últimos anos, a comunidade cresceu muito e as condições de vida das pessoas melhorou devido a esses investimentos.

## CAPITULO II - O SALTO SAGRADO DO POVO KAYABI

O Salto *Kayabi* é sagrado para o meu povo *Kawayweté*. Nele está a força dos pajés, lugar de *Ita Mait*, nas suas margens o flechal. É o lugar onde os *Kawayweté* buscam a força. É difícil de explicar o sagrado, mas é no sentimento que aparece, quando o *Kawayweté* vai no salto sabe que o sentimento é forte e busca a sua energia.

Ir no salto no lugar mais sagrado tem que ser acompanhado com Pajé, quando vamos chegando é preciso conversa de pajé, a água fica brava e o vento levanta as folhas. O silêncio tem que ser feito e o pajé vai acompanhando para dar proteção e depois preparar a pajelança. O salto guarda a cultura, a sabedoria, a espiritualidade inteira do povo *Kawayweté*. O salto tem vida, ele é vivo e não pode ser destruído, a destruição do salto é o enfraquecimento do povo *Kawayweté*. Ele é importante para nossa vida, cultura e tradição.

Ele ficou sagrado porque na vinda para Tatuí o pajé forte, pai de Katu, ficou lá e nunca mais saiu. Ele sabia, ele tinha sonhado o acontecido, agora mora lá no meio das pedras e as vezes canta a noite. No dia que ele ia afundar ficou cantando durante três dias uma despedida e depois afundou para sempre. Ele guarda o salto, mora no salto e dá força ao povo *Kawayweté*.

**Figura 4 - Salto Sagrado**



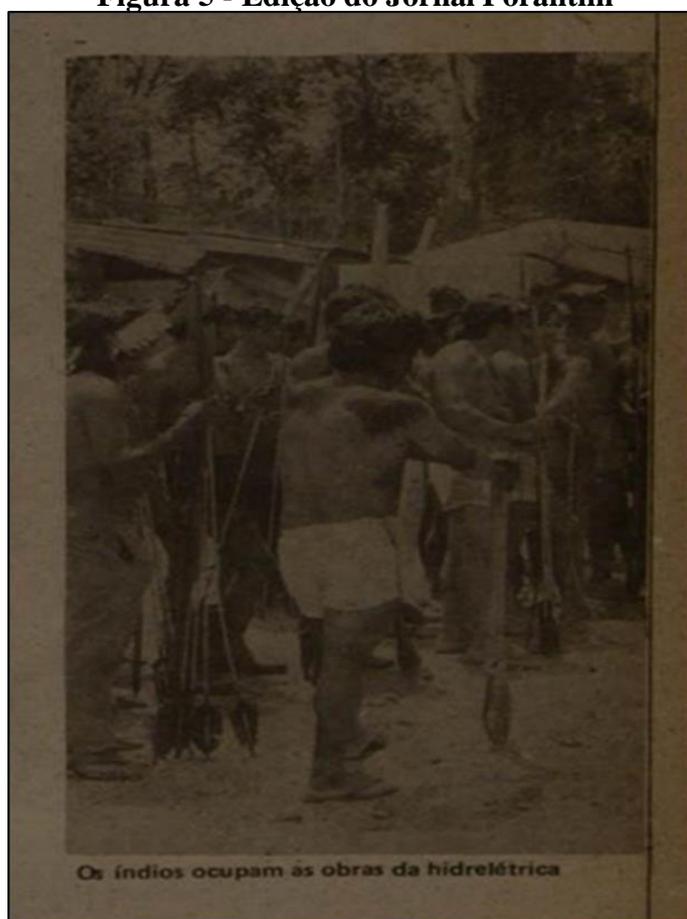
**Fonte:** Kayabi, 2015

Há muito tempo o Salto Sagrado (Fig.4) do nosso povo tem sido alvo de interesses de empresas e do governo com a finalidade de construir usinas hidrelétricas no local. Mas o povo

*Kayabi* sempre se mobilizou para a defesa do Salto porque este é de muita importância para o nosso povo.

Existem muitas histórias em torno do salto e ele pertence ao meu povo *Kawayweté*. Quando a nossa Terra foi demarcada pela primeira vez o Salto Sagrado ficou de fora e foi uma luta para colocá-lo dentro do território. Assim parte da Terra foi demarcada em 1975, mas como o povo *Kayabi* é guerreiro, a partir de 1978, conforme relata o jornal *Porantim* (1985, s/p) (Fig.5) “as lideranças começaram a reivindicar a ampliação da reserva, pois o Salto Sagrado, lugar místico de origem dos *Kayabi*, e também área de onde tiram taquara para fazer flecha havia ficado fora dos limites definidos”.

**Figura 5 - Edição do Jornal Porantim**



**Fonte:** Porantim, 1985

## 2.1 O grande Pajé

A anciã Katu relatou como aconteceu com o seu pai. Contou que vieram do Rio Batelão para o Rio dos Peixes, acompanhados pelo pai *Jupot*, que era Pajé, sua mulher *Tekuariwit*, e os irmãos de Katu: *Ervira* e *Jawari*. Eram todos pequenos. Vieram descendo pelo rio até a boca da

cachoeira para puxar a canoa do outro lado do rio. A canoa era feita com casca de jatobá.

Chegaram até o local para puxar, mas o cipó arrebentou, a canoa virou e afundou, perdendo todos os produtos da roça que estavam levando para se alimentar. O pai gritou para sua mulher escutar que afundaram e ficaram em cima da pedra. *Jupot* continuou em cima da pedra. O filho pedia para o pai sair, mas ele dizia que não e daquele local não saía. A água subiu e *Jupot* afundou com uma varinha na mão. Os filhos perguntaram onde estava o pai que tinha afundado. Pensavam que nunca mais o veriam.

Antes de afundar, *Jupot* ficou em cima da pedra por três dias cantando o maraka até amanhecer. Os espíritos começaram a ficar alegres por ter esse Pajé verdadeiro, por isso que o salto é sagrado para o povo *Kawayweté*.

A anciã Katu fala: “É que é muito triste contar a história de meu pai, eu não aguento contar que eu choro. Hoje só eu e minha irmã que estamos vivas. Foi assim a história de meu pai.”.

Essa história é verdadeira e de valor para nós, povo *Kayabi/Kawayweté*. O nosso Salto Sagrado já teve várias vezes ameaçados pelos homens brancos, pois eles sempre quiseram construir usinas hidrelétricas nesse lugar. Mas não conseguiram porque o povo *Kayabi* se juntou com os demais povos para impedir que isso acontecesse.

Era o ano de 1985, e no dia 29 de maio a equipe da Comissão Interministerial (C.I)<sup>4</sup>, se deslocou para o canteiro de obras da construção da usina que era comandado pela firma Andrade Gutierrez. O canteiro de obras ficava ao lado do Salto *Kayabi*. Mas o povo *Kayabi* e o povo *Apiaká* já estavam lá e tinham obrigado os empregados que estavam trabalhando para a firma, a deixarem o lugar. No dia 30 voltou naquele lugar uma equipe de pessoas da sociedade nacional e foram recebidos com desagradados da parte do povo indígena. Nessa manifestação esteve presente o Deputado Mário Juruna e Gilson de Barros, também o prefeito da cidade, na época, José Geraldo Riva. A finalidade era negociar a continuidade da construção. Como os conflitos eram muitos, os parlamentares foram novamente até a aldeia e procuraram o Pe. João Evangelista Dornstauder, pois queriam, na fala deles, evitar conflitos. Nesse dia, foi realizada uma reunião com algumas lideranças. Segundo apostila com documentos:

Capitão' Chico e o pajé José Mairerum, quanto os mais jovens, como Gilberto Kutapi e Nicolau Cangerô, falaram amplamente, em língua indígena e em português, expressando sua reivindicação de ampliação de suas reservas, sua discordância da construção da usina hidrelétrica, por entender que a mesma faria desaparecer o salto *Kayabi* e poluiria o Rio dos Peixes, bem como, grande revolta e agressividade contra

---

<sup>4</sup> Fazia Parte da Comissão Interministerial o Ministro da reforma e Desenvolvimento Agrário, Ministro das minas e Energias e Ministro do Interior.

os não índios de Juara, pelo fato de pessoas desta comunidade ‘branca’ se aproximarem das reservas indígenas para caçar, pescar e derrubar a mata às proximidades do Salto Kayabi, deixando clara a sua disposição de chegarem a prática de atos agressivos contra aqueles não índios (1985, p.5).

Naquela época, perto do Salto já havia quase uma cidadezinha, com muitas pessoas trabalhando e morando. Nós nunca aceitamos a construção da Usina porque o salto é sagrado. A luta teve a participação de vários povos indígenas, fomos até Cuiabá em movimento para apoiar a nós, *Kayabi* e *Apiaká*, que estávamos na luta da rejeição à construção da UHE no salto sagrado. Katu fala que *“Já foi tentado muito a fazer usina no salto, mas foram convocados vários povos do Mato Grosso. Vieram Myky, Xavante, Rickbatsa, Manoky, Munduruku, Apiaká, Kawayweté e derrubaram todas aquelas casas que estavam construindo”*.

Não pode destruir o salto, ele é um lugar sagrado. Atualmente estão estudando novamente a possibilidade de construir a no mesmo lugar, porém, isso não pode acontecer. Essa luta foi uma batalha que conseguimos.

O periódico Madeira (1985) anunciava uma notícia com Título *Kayabi e Apiaká: União e Resistência na Defesa do Salto Sagrado*. E também fazia cartazes (Fig.6).

**Figura 6 - Cartaz jornal Porantim**



Fonte: Porantim, 1985

No jornal tem uma parte da carta que o povo *Kayabi* mandou para Tancredo Neves. “O

que nós esperamos é a justiça, e não violência”. Também foi por causa do Salto Sagrado que tivemos apoio de outros povos indígenas, e nessa luta nasceu a ALINDIG: Aliança das Lideranças Indígenas. Raoni e Megaron foram naquela época presidente e vice-presidente da organização.

O Salto é Sagrado e desde aquela época estamos tentando explicar para os governantes que não escutam e continuam propondo fazer usinas, na nossa e em outras Terras Indígenas.

## 2.2 *Ita Mait* (Pedra Pajé)

Entrevistei o ancião Raimundo Kwasiari na escola. Ele contou que na cachoeira, que é o Salto *Kayabi*, tinha uma pedra chamada *Ita Mait*. Onde ela morava era como uma estrada de formiga. Antigamente, quando o povo *Kawayweté* viu aquela pedra, a achou muito bonita, e quiseram levá-la embora. Carregaram para bem longe do lugar onde ela morava. No acampamento, a deixaram numa forquilha de madeira, mas como a pedra era um pajé, quando as pessoas dormiram, a pedra saiu da forquilha e voltou para o seu lugar, onde morava. Foi nesse momento que o povo *Kawayweté* descobriu que ali ficava um grande pajé chamado de *Ita Mait*. Todo mundo que passava ali, pegava a pedra, jogava bem no meio do rio, mas ela voltava no mesmo lugar de sempre. É por esse motivo que até hoje lutamos contra a construção da usina, porque o salto é muito importante para nós, povo *Kawayweté*. É dali que nosso jovem se fortalece para lutar, cuidar do nosso direito que é o Salto Sagrado. Essa pedra protege o povo *Kawaywete* e transforma nossos jovens em guerreiros.

Maria Brites conta que *Ita Mait* era uma pedra em forma de uma bola de *akanapé*. Seus pais diziam que essa pedra era o dono do salto. Maria Brites chegou a conhecê-la e brincava de amarrar a pedra em cima da árvore, mas a pedra se soltava. Maria disse: “A pedra sempre volta para o mesmo lugar e a morada dela é entre a ilha que tem em frente do salto. No ano de 1962 no mês de novembro chegaram no salto (a família dela) e neste local já se encontrava o Pajé Frederico e a família da Katu e Lurdes, os quais estavam de luto pela morte do Pajé Tumakã”.

Na entrevista, o velho Simão disse: “Quem achou a pedra foi o pai da Katu e o nome dele era Porekatu, seu primeiro nome, o qual foi sendo trocado porque ele era um grande pajé. Francisco levou essa pedra dentro da peneira até Porto dos Gaúchos para fazer pesquisa; seu irmão não a deixou nesta cidade trazendo-a de volta ao mesmo lugar onde o pajé disse para ele não judiar dela. No ano de 1968, os seringueiros levaram essa pedra para fazer pesquisa e o antropólogo Geraldo veio com a notícia que a pedra havia caído no mar. Ela estava dentro de

uma caixa, bem embalada e essas pessoas que levaram a pedra ficaram sem cabelo e acabaram falecendo”.

As pessoas da comunidade, principalmente os mais velhos, acreditam que a pedra voltou para o mesmo lugar e está lá no salto. O finado Franciso Jurukatu, que foi Cacique da Aldeia Tatuí, falava que ele levou essa pedra para Porto dos Gaúchos para pesquisa dentro da peneira e, quando ela ficava dentro da peneira *Kawayweté*, ela não fugia. Mas foi Kuapã que falou pra ele trazer a pedra de volta, porque tinha uns alemães querendo levá-la para fora do país, a fim de fazer pesquisa. Simão não deixou levá-la porque a pedra era do Salto e dos Pajés. A força dos Pajés era buscada nessa pedra que fica no salto. Até hoje, quando o Pajé vai fazer um trabalho, ele tem que ir ao salto para buscar energia.

O salto é sagrado e lá está a pedra do Pajé *Ita Mait*. Foi no salto que faleceu um grande pajé, e lá ele tem uma casa de pedra. Antes de afundar, ele falou que ia para essa casa de pedra no centro do mato, na divisa da reserva. Lá não se pode fazer barulho que já começam a aparecer cabeças de cobras. É um lugar com muitas borboletas. Tudo o que o Pajé contou para os filhos, aconteceu. Quando chega lá perto, começa a ventar; é preciso ir com o Pajé e levar fumo. O Pajé, quando afundou e desapareceu, transformou-se em uma enorme serpente.

O capitão Ypariup explica porque o Salto Grande é sagrado: “É a origem dos Kayabi. Depois do dilúvio a primeira existência dos Kayabi foi no Salto”. Ypariup conta que lá sempre aparece o grande Pajé Ypopinin. A canoa dele teria afundado no local e ele se transformou numa serpente. Lá os antigos tiravam pedras para fazer machado. Quando os índios visitam o local, deixam presentes, principalmente penas e flechas. É para acalmá-lo e agradecer os benefícios prestados aos Kayabi (MADEIRA, 1985, s/p).

O salto é um lugar sagrado para o povo *Kawayweté*. Nesse salto também tem sereia em uma lagoa acima do salto, onde se escutam cantos. O canto do pajé também está lá. Ninguém pode chegar lá.

### 2.3 Ameaças atuais no Salto Sagrado

As lutas até hoje continuam para não acontecer as construções de usinas. Sabemos que se acontecer essas construções, o rio, os peixes, os animais e as aves vão desaparecer. Já temos experiências de outros parentes *Kawayweté* do Pará que no mês de julho tiveram a primeira reunião do povo para falar sobre os impactos da hidrelétrica construída. Eles disseram que muitas doenças apareceram e os peixes estão morrendo, causando um impacto social na

comunidade.

A preocupação é muito grande quando se fala de construção de hidrelétrica no Salto Sagrado. É nele que está a nossa história, a nossa espiritualidade, onde buscamos forças para mantermos a nossa luta mais forte. Por isso, nossos parentes vieram dar apoio para não deixarmos a construir a usina. Estamos sempre fortalecendo as nossas lutas para isso não acontecer.

Outra preocupação nossa é com o Rio Arinos, onde o Rio dos Peixes desagua, e que está no final de um estudo de determinada empresa para a construção da usina Castanheira. Essa Usina é para ser construída a 15 quilômetros da Terra Indígena *Apiaká-Kayabi*. A preocupação é que também vai impactar o nosso rio, fazendo desaparecer os nossos peixes, animais e materiais de confeccionar os nossos artesanatos, por isso estamos acompanhando as reuniões que vem acontecendo e colocando a nossa preocupação se essas hidrelétricas vierem a ser construídas.

É do rio e da mata que tiramos o nosso alimento, por isso precisamos lutar contra essas barragens, porque se constrói em um rio, ele morre. A água para nós é vida e a mata é a nossa mãe. Temos todo respeito pela natureza.

A cada ano, os empreendimentos vêm se aproximando e temos de ir em busca de informações para futuramente não deixarmos construir usinas em nossos Rios. Sabemos que precisamos estar unidos e preparados para defendermos o que não pode ser destruído. A solução é mobilizar a população indígena e os não indígenas, principalmente os que serão atingidos diretamente. Precisamos estar sempre à frente nesta luta contra a destruição dos Rios. Para futuramente podermos contar a história para nossos filhos e netos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido é de suma importância porque é registro do que nosso povo acredita. Nossa vida depende do rio e do Salto Sagrado.

É preocupação trabalhar na escola sobre o Salto sagrado para fortalecer os jovens para a preparação da luta. Já foi produzida até uma cartilha que foi escrita em 2006 pela COMIN (Conselho de Missões entre os Índios). E existe nela um texto sobre o Salto Sagrado. De acordo com o material foi feito 25 mil exemplares, mas eu ainda não conhecia. Está escrito que o salto *Kayabi* é um lugar sagrado para o povo, que ia ser transformado em represa hidrelétrica, mas o povo *Kawayweté* não deixou. Explica que manter esse lugar preservado é uma das lutas do povo, que nós preocupamos com a preservação de outros rios, destruídos por garimpeiros ou por grandes produtores de soja, que plantam soja até às margens. Diz que embora a gente enfrenta dificuldades buscamos os direitos e lutamos para voltar a nossa Terra de origem. O salto *Kayabi* é sagrado para o povo.

Esse salto ficou sagrado quando os nossos parentes vieram descendo o Rio Teles Pires. Quando eles chegaram no Rio dos Peixes, viram uma enorme cachoeira. Aí eles tentaram passar, mas não conseguiram. A canoa virou. E nessa canoa tinha um pajé muito forte, que o povo não conseguiu salvar. Ele passou três dias e três noites cantando e depois afundou. É por isso que chamamos o salto de sagrado. (Texto de Cloves Serapin Kuacin Paías, 4ª série.) (TREIN, 2006, p. 5-6).

A escola tem sido um lugar para discutir os nossos problemas, porque os professores hoje são lideranças dentro da aldeia, são as pessoas que estão sendo preparadas para entender bem como o não indígena pensa. Mas, nós sabemos como defender o que é nosso e temos o apoio de outros povos indígenas. Conforme Ferreira (2014) os professores têm assumido o lugar de liderança e participam de organizações, mobilizações e estão a frente inclusive no registro de documentações a favor do seu próprio povo. Quando tem reunião das lideranças para debater sobre usinas em terras indígenas todos da comunidade participa e dá apoio a outros povos também.

Nossa vida depende do rio e do Salto Sagrado. É uma história da nossa vida e precisa ser preservada. Também é importante que tenha registro e depois do trabalho de pesquisa podemos escrever livro nosso mesmo sobre o Salto Sagrado.

Não podemos ficar sem mobilizar, todo momento os governantes querem construir usinas em Terras Indígenas e já fizeram isso em outras terras, temos que nos informar e lutar para preservar o que é dos nossos povos. O Salto Sagrado *Kayabi* é nosso lugar de resistência,

de desafios na força e de ameaças pelos governantes, e a ameaça de diminuir a pesca, nosso alimento e desrespeito porque é sagrado, é onde o grande Pajé fica.

Ter escrito este trabalho de conclusão de curso, com a pesquisa realizada dentro da minha comunidade Tatuí, foi muito importante. A realização foi possível porque a Faculdade Intercultural Indígena e o curso de Pedagogia Intercultural possibilitaram com que realizemos trabalhos que revitalizem nossa cultura, que signifique a nossa escola a partir de temas que realmente são importantes para nós.

A Faculdade Intercultural Indígena tem contribuído com a formação, não apenas pedagógica daqueles que dela participam, mas também da formação política. Fico muito orgulhosa de fazer parte e de estar sendo formada pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Na faculdade intercultural a pesquisa pode ser apresentada com os nossos sentimentos, como o sentimento que apresentei sobre o Salto *Kayabi* que para nós é sagrado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Waldinéia A. A e ZITKOSKI, Jaime. **Significados de ser professor/a indígena nas narrativas de professores/as Apiaká, Kayabi e Munduruku.** In. ZITKOSKI, Jaime José e MORIGI, Valter. Experiências emancipatórias e educação: A docência e a pesquisa. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de artes, 2013.

GUNBERG, Georg. **Os Kaiabi do Brasil Central: História e etnografia.** São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004.

ISA. **Subsistência e confecção de artefatos.** Disponível: <http://pib.socioambiental.org>  
Acessado: novembro 2015.

KAIABI, Awasiu. **Marcadores do tempo Kaiabi.** JANUÁRIO, Elias, SILVA, Fernando Selleri, TRONCARELLI, Maria Cristinan, VANUCCI, Maria Paula de Freitas, ZORTHÊA, Kátia Silene (Orgs). Marcadores Indígenas do Tempo. Barra do Bugres-MT, 2009.

KWASIARI, Raimundo Jewi e KAYABI, Piani. **A construção da casa cultural: Agamu Kawayweté ogã ra'e.** In. PEREIRA, Lisanil C.P. e FERREIRA, Waldinéia A. A (Org). Interculturalizando Talentos: Articulações entre linguagens, história etno-cultural e educação ambiental em escolas indígenas do povo Apiaká, Kayabi/Kawayweté e Munduruku. Terra Indígena Apiaká-Kayabi. Cuiabá, MT: Central textos: Editora UNEMAT, 2014.

MENSAGEIRO. **Kayabi e Apiaká: União e resistência na defesa do salto sagrado.** Edição 31. Maio/junho, 1985. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=>  
Acessado em: março, 2016.

PORANTIM. **Usina quer pôr fim a paz e alegria dos Kayabi e Apiaká.** Edição VII, nº 74, Abril, 1985. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader>. Acessado em: março, 2016.

TREIN, Hans. **Território e Tempo na Afirmação da Identidade Kayabi** - Semana dos povos indígenas 2006. São Leopoldo/RS: Editora Oikos, 2006.

## CONSULTORES NATIVOS

Catarina Tukumã Kayabi

Katu Kayabi

Raimundo Jewy Kwasiari.

Kanizio Kayabi